



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

As crônicas de Lima Barreto na Revista Floreal

Isabela de Souza de Albuquerque Bezerra

RIO DE JANEIRO

2023

As crônicas de Lima Barreto na Revista *Floreal*

Isabela de Souza de Albuquerque Bezerra

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português e suas Literaturas.

RIO DE JANEIRO

2023

B574c Bezerra, Isabela de Souza de Albuquerque
As crônicas de Lima Barreto na revista Floreal /
Isabela de Souza de Albuquerque Bezerra. -- Rio de
Janeiro, 2023.
36 f.

Orientadora: Luciana Marino de Nascimento.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2023.

1. Lima Barreto. 2. Revista Floreal. 3. Crônica.
4. Modernidade. I. Nascimento, Luciana Marino de,
orient. II. Título.

ANEXO C: FOLHA DE AVALIAÇÃO FOLHA DE AVALIAÇÃO**As crônicas de Lima Barreto na Revista *Floreal***

Isabela de Souza de Albuquerque Bezerra

DRE: 118153135

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português – Literaturas.

Data de avaliação: 14/12/ 2023

Banca Examinadora

Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento

Orientadora - Presidente da Banca Examinadora - Nota: 10,0

Prof. Dr. João Carlos de Souza Ribeiro - Leitor Crítico – Nota: 10,0

MÉDIA: 10,0

Assinaturas dos avaliadores:



Prof^a Dr^a Luciana M. do Nascimento
Orientadora - Presidente da Banca Examinadora
Matrícula SIAPE nº 1515091
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras



Para a minha mãe, minha maior inspiração.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Luciana Nascimento, por tanto afeto e tantos aprendizados nesses últimos anos.

À minha mãe Graziela, por me dar a vida e continuar me dando motivos para viver.

Ao meu pai Clóvis, por sempre me incentivar a querer mais e me apoiar a cada passo.

Ao meu irmão Vinícius, por sempre me fazer sorrir e renovar a minha alma a cada sorriso.

Ao Daniel, por me fazer compreender o passado, amar o presente, e desejar o futuro.

Ao meu avô Jurandyr, *in memoriam*, por colocar a literatura no meu sangue.

À UFRJ, por me acolher desde 2006 e me fazer a pessoa que sou hoje.

RESUMO

No início do século XX a modernidade chegou ao Rio de Janeiro e transformou de forma avassaladora a cidade, sua sociedade e cultura. A difusão dos ideais de progresso e de civilização trazidos da Europa foi feita principalmente através dos jornais, e suas crônicas foram essenciais para a divulgação da modernidade para a população. Por ser um gênero simples, curto e que utiliza a linguagem coloquial, elas adequaram-se perfeitamente ao ritmo da modernidade, e, assim, levavam a literatura para o cotidiano agitado da vida moderna. Em 1907, a revista *Floreal* foi fundada por Lima Barreto e outros escritores que não tinham espaço nos jornais da época, por não se encaixarem no perfil delineado pelos mandarins literários. Assim, a partir desta revista, estes escritores tiveram espaço e liberdade para se expressar e escrever sobre os assuntos que desejassem. Neste trabalho, portanto, pretende-se analisar as crônicas do autor Lima Barreto publicadas na revista *Floreal* e entender suas percepções sobre a cidade do Rio de Janeiro e sobre o ambiente literário da época.

Palavras-chave: Lima Barreto. Revista *Floreal*. Crônica. Modernidade.

ABSTRACT

At the beginning of the 20th century, modernity arrived in Rio de Janeiro, and transformed the city, its society and culture in an overwhelming way. The dissemination of progress and civilization ideals brought from Europe was done mainly through newspapers, and their chronicles were essential for disseminating modern ideas to the population. As it is a simple, short genre that written in a colloquial language, they fit perfectly into the rush of modernity, and thus brought literature into the busy everyday life of modern life. In 1907, the magazine *Floreal* was founded by Lima Barreto and other writers who did not have space in the newspapers at the time, as they did not fit the profile outlined by the literary mandarins. Thus, from this magazine, these writers had space and freedom to express themselves and write about the subjects they wanted. This work, therefore, intends to analyze the chronicles of author Lima Barreto published in *Floreal* magazine and understand his perceptions about the city of Rio de Janeiro and the literary environment of the time.

Key Words: Lima Barreto. *Floreal* magazine. Chronicle. Modernity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I CIDADE, MODERNIDADE E CRÔNICA	13
II LIMA BARRETO: UMA TRAJETÓRIA	17
III FLOREAL: A VITRINE E A REVOLUÇÃO	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

O cenário carioca sofreu mudanças avassaladoras no início do século XX: por ser a capital do Brasil na época, o Rio de Janeiro foi o centro das transformações levadas pela euforia da modernidade. O modelo de “civilização” e “progresso” vindo da Europa, que era difundido através da importação de tecnologias, pela disseminação de ideais progressistas e por políticas públicas, adentrava cada vez mais o cotidiano da população e modificava seu modo de perceber a cidade e o próprio indivíduo.

Foram, entretanto, as reformas urbanas que concretizaram o “afrancesamento do Rio de Janeiro” (NEEDELL, 1993). As obras comandadas pelo engenheiro Pereira Passos foram responsáveis por reformular o ambiente da cidade a partir da demolição de prédios antigos, do embelezamento local, de alterações e aberturas de ruas e avenidas, entre outras mudanças que afetaram a estrutura do Rio. Estas reformas tinham como seu maior objetivo a ruptura com o antigo e com as memórias da colonização.

Este processo, porém, gerou uma grande exclusão das classes populares. Segundo Jeffrey Needell (1993, p. 67), alguns dos pontos que mais caracterizavam a cultura da elite do século XIX eram a recusa e a evasão. Ao mesmo tempo em que as classes mais altas acolhiam a ideia do moderno civilizatório, elas negavam os traços próprios da sociedade brasileira que consideravam estar fora desta concepção e que desviavam da norma europeia. Assim, as parcelas populares, que antes já eram excluídas do cenário cultural e político, tornaram-se mais distantes da vida idealizada da cidade. Elas não se sentiam cidadãs cariocas, e não eram reconhecidas como tais por aqueles no poder.

Afonso Henriques de Lima Barreto, ou Lima Barreto, como assinava artisticamente seu nome, foi profundamente afetado por tais conflitos de poder. O homem que viria a ser considerado décadas depois como um dos maiores escritores da literatura brasileira sofreu por toda a sua vida pela exclusão praticada pela elite carioca. Filho de descendentes de escravizados, negro e pobre, era excluído dos cenários dominantes da literatura da época ao mesmo tempo em que se recusava a moldar a sua escrita para se encaixar neles.

No prefácio de seu célebre romance publicado em 1909, *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, Lima Barreto, “mal disfarçado sob a pele” do personagem Isaias Caminha (SCHWARCZ, 2017, p. 212), descreve a situação em que se deparou com um fascículo de uma revista nacional cujo autor, nas palavras de Lima, “fazia

multiplicadas considerações desfavoráveis à natureza da inteligência das pessoas do meu nascimento”, afirmando que no início de suas vidas encontra-se uma “brilhante pujança” que é “desmentida mais tarde, na madureza, com a fraqueza dos produtos, quando os havia, ou em regra geral, pela ausência deles” (BARRETO, [1909] 1989, p. 12).

A reação inicial de Barreto ao ler o relato foi de indignação, mas, ao refletir sobre sua vida e trajetória profissional, acabou concordando com os argumentos do texto recordando-se da excessiva “hostilidade” e “má vontade” com que foi recebido, o que diminuiu progressivamente sua motivação e os ideais que lhe acompanharam em sua adolescência. Porém, logo percebeu seu equívoco quanto às suas conclusões, e percebeu que, na verdade, a culpa do ambiente desfavorável que encontrou, “as causas de tão feios fins de tão belos começos”, estava na “sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo [...] isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno” (BARRETO, [1909] 1989, p. 13-14).

Desse modo, por não encontrar espaço no cenário literário, Lima Barreto e outros escritores que sofriam com mesma dificuldade fundaram a revista *Floreal*, com a afirmação de que, já que não conseguiam ter seus textos publicados pelos “meios de publicidade habituais”, eles tinham o “dever” de se publicar por conta própria (FLOREAL, 1907a, p. 5). Apesar de não ter sido um grande sucesso na sociedade da época, e, por isso, ter tido apenas quatro números publicados, a revista gerou trabalhos importantes que nos permite entender mais sobre a literatura e sobre a mentalidade da sociedade da época.

Este trabalho pretende, portanto, analisar os escritos de Lima Barreto nesta revista, concentrando-se principalmente em suas crônicas publicadas nas edições da *Floreal*, todas do ano 1907, a partir de um estudo da situação social e literária da primeira década do século XX.

Quanto à metodologia, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico associada à pesquisa documental, com a coleta dos exemplares da revista *Floreal*, nos acervos da hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional e da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Foram utilizadas as quatro edições publicadas da revista, todas do ano de 1907. Após a coleta e leitura dos números selecionados da revista *Floreal*, foram realizados estudos teóricos, a partir de autores como os biógrafos Francisco de Assis Barbosa e Lilia Moritz Schwarcz e estudiosos como Marshall Berman, Walter Benjamin, Antonio Candido, Davi Arrigucci e Jeffrey Needell.

O presente trabalho se encontra dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, tratamos da chegada da modernidade no Rio de Janeiro e de seus impactos na cidade e na literatura e, mais especificamente, nas crônicas; no segundo, sobre a trajetória de Lima Barreto na literatura; no terceiro, descrevemos algumas das crônicas escritas por Barreto para a revista *Floreal*, e, por fim, concluímos que Lima Barreto e sua participação na revista *Floreal* foi importante por ter sido sua primeira atuação profissional como escritor em uma revista, e, conseqüentemente, sua porta de entrada para as casas de seus leitores. A partir de suas crônicas na *Floreal*, Lima Barreto começou a delinear as principais características de sua obra, e a mostrar para o público a importância de seu trabalho para a sociedade brasileira.

I CIDADE, MODERNIDADE E CRÔNICA

As contradições da vida moderna cercam e afetam diretamente todos os indivíduos inseridos em seu sistema. Esta “unidade paradoxal” é chamada de modernidade, e segundo o filósofo Marshall Berman (1986, p. 15), ela “nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia”. O cenário moderno é caracterizado pelos impactos da industrialização, das descobertas científicas, do crescimento demográfico e urbano, dos sistemas de comunicação de massa, enfim, pelos fenômenos gerados pela expansão absoluta do modelo capitalista (BERMAN, 1986).

A modernidade chegou efetivamente ao Brasil no século XIX com a Coroa portuguesa, que se estabeleceu no Rio de Janeiro e transferiu a corte portuguesa para a cidade. O Rio foi reorganizado para que a cidade se adequasse à sua nova função e ao aumento demográfico que acompanhou a chegada da família real portuguesa. A influência de cidades como Londres e Paris foi determinante para a construção de um Rio moderno, que tentava ao máximo refletir a cultura europeia, e, assim, foram realizadas obras com o objetivo de aprimorar a infraestrutura da corte e embelezar o que era antes uma estrutura colonial. Além disso, os ideais de “civilização” e “progresso”, essenciais para a solidificação da mentalidade moderna, foram difundidos e valorizados a partir da criação do primeiro veículo oficial da imprensa brasileira, o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, fundado no mesmo ano da chegada da Corte no país.

Portanto, com a legalização da imprensa brasileira, escritores brasileiros puderam assumir um protagonismo anteriormente ocupado pelos portugueses, que se expressavam, escreviam e publicavam pelos colonizados (SIEBERT, 2014). Assim, os autores nativos puderam se absorver as ferramentas típicas das publicações europeias, ressignificando-as para que pudessem se encaixar melhor na realidade em questão. Um exemplo de algo que passou por esse processo foi a crônica: um espaço vazio no rodapé da primeira página do jornal voltado ao entretenimento originado nas publicações francesas (MEYER, 1992). Inicialmente chamado de “folhetim”, neste espaço discutiam-se questões cotidianas e locais, que englobavam desde assuntos políticos e sociais até culturais e artísticos. No Brasil, a crônica se desenvolveu com facilidade, e, aos poucos, foi ganhando as qualidades que a fazem ser hoje considerada como um

gênero brasileiro: seu tamanho curto, seu tom ligeiro e sua linguagem coloquial, que mistura ironia, humor e poesia (CANDIDO, 1992).

Logo, a crônica não utiliza uma linguagem rebuscada, mas nas palavras de Antonio Candido (1992, p. 14), “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”. Assim, por conta da simplicidade dos temas que aborda e da linguagem em que é escrita, a crônica se encaixa perfeitamente no cotidiano tumultuado da modernidade: “é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa” (CANDIDO, 1992, p. 14). Portanto, segundo Davi Arrigucci (1987, p. 53):

[...] a crônica é própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e em seus espaços periféricos.

Assim, a dinamicidade da crônica coincidiu perfeitamente com a expansão da modernidade no Rio de Janeiro, e acompanhou cada mudança impulsionada pela mentalidade moderna no século XIX através das palavras de grandes escritores como Machado de Assis e José de Alencar.

O início do século XX herdou a conturbação e agitação política e social finissecular causada pelo advento da modernidade na cidade do Rio, que parecia cada vez mais engolida pelo mundo moderno. A abolição da escravatura e a Proclamação da República foram algumas das muitas mudanças que alteraram a estrutura da cidade no século anterior e que fizeram com que os anos 1900 tivessem um começo conturbado e instável enquanto a população se adaptava às modificações em curso. No entanto, o governo, sob o comando do presidente da época Rodrigues Alves, ainda desejava impulsionar cada vez mais as transformações oriundas da modernidade, e tinha como maior objetivo apagar as raízes consideradas como coloniais e antimodernas, que desviavam do modelo europeu de civilização que julgava como ideal.

Assim, neste contexto, em 1903 iniciaram-se as reformas urbanas realizadas pelo engenheiro Pereira Passos, que tinham como maior inspiração as obras promovidas na modernização de Paris. O objetivo era de modernizar a paisagem urbana da cidade, buscando seu embelezamento e saneamento, e, desse modo, investiu no alargamento e na pavimentação de ruas - outrora apertadas, sujas e superlotadas - na construção de calçadas, asfaltamento de estradas e no embelezamento de praças (NEEDELL, 1993).

Contudo, as remodelações também foram responsáveis pela destruição daquilo que era considerado como ultrapassado e antimoderno. A elite brasileira considerava a

diversidade racial e cultural brasileira como um reflexo do atraso do progresso da sociedade brasileira por remeter ao passado colonial, e, por isso, as classes dominantes desejavam apagar essa feição do Brasil. A partir da política higienista, que tinha como objetivo erradicar as doenças epidêmicas que assolavam a capital, as reformas foram responsáveis pela destruição de cortiços e casas de cômodos habitadas principalmente pela população pobre e marginalizada carioca (SANTANA e SOARES, 2015). Além disso, segundo Needell (1993, p. 71), “Pereira Passos não condenava apenas as ruas estreitas e imundas, mas também as fachadas sem pintura, os estilos rurais de consumo e os aspectos ‘bárbaros’ do Carnaval¹”, o que seriam símbolos da cultura do “atraso” resultantes da presença das classes populares.

As obras e as ações que a rodearam ganharam o apoio da elite e das camadas mais abastadas da sociedade, e, conseqüentemente, de grande parte dos escritores: seus textos promovendo o “Rio civilizado” dominavam as páginas dos jornais da época. O escritor Olavo Bilac era um dos principais porta-vozes e entusiastas da modernidade nos periódicos. Suas crônicas englobavam frequentemente a vida moderna e seus benefícios:

Há poucos dias, as picaretas, entoando um hino jubiloso, iniciaram os trabalhos de construção da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas condenadas [...]. No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do Opróbrio. A cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto impotente. Com que alegria cantavam elas, as picaretas regeneradoras [...] celebrando a vitória da higiene, do bom gosto e da arte!
(BILAC, 1904, p. 4)

Assim, percebe-se a forma como Bilac concebia a remodelação urbana da época: era o caminho para a modernidade que deixava para trás o passado “colonial, imundo, retrógrado, emperrado nas suas velhas tradições”.

O estilo de vida dos escritores também foi afetado pela modernização empreendida na cidade do Rio de Janeiro. A boêmia, estilo de vida frequentemente relacionado à vida literária e à velha crença de que o escritor deveria ser pobre, excluído do cenário social enquanto se dedicava ao seu ideal literário por meio de sacrifícios, foi

¹ Jeffrey Needell (1993, p. 71) completa que “quem sabe o último aspecto [as características do Carnaval] seja, afinal, o mais revelador; com seus entrudos e cordões, o Carnaval expressava em parte uma cultura afro-brasileira da qual a elite afinada com os padrões europeus se envergonhava”.

sendo deixado para trás: “agora [o escritor] não passava de um homem como os outros, seguindo os trâmites normais da existência” (BROCA, 2004, p. 39). A criação da Academia Brasileira de Letras, liderada pelo escritor Machado de Assis, foi determinante para o “aburguesamento do escritor” (BROCA, 2004): esta instituição de extremo prestígio exigia de seus membros certa compostura que deveria transparecer na imagem social de seus componentes.

Havia um certo desprezo por parte dos escritores que resistiram ao amoldamento infligido pela Academia; porém, mesmo assim, eles precisavam submeter-se às regras do contexto cujo estavam submetidos: um membro da Academia Brasileira de Letras era visto com mais prestígio e tinha mais facilidade em publicar suas obras. Por isso, o escritor Lima Barreto, apesar de muitas vezes expressar o seu descontentamento com a organização, tentou três vezes ingressar como membro, e foi rejeitado. Em carta para Monteiro Lobato, ele explica:

Nunca fui sinceramente candidato. A primeira vez que o fui, não sinceramente – é bem de ver – foi quando o Hélios [Lobo] se apresentou. Só para lhe fazer mal, porque eu o atrapalhava e me vingava das desfeitas que me fizera, tendo-me tratado antes, a modos de pessoa poderosa. A carta que enviei, embora registrada, desapareceu e Hélios, apesar do Gustavo Barroso, foi eleito maciamente. Sei bem que não dou para a Academia e a reputação da minha vida urbana não se coaduna com a sua respeitabilidade. De *motu-proprio*, até eu deixei de frequentar casas de mais ou menos cerimônia – como é que eu podia pretender a Academia? Decerto, não. (BARRETO *apud* BARBOSA, 2002, p. 289)

Assim, percebe-se que Barreto, apesar de afirmar que não se candidatou seriamente para a posição, admite que não possuía as características necessárias que eram exigidas na época para o ingresso na Academia Brasileira de Letras, uma vez que o autor rompia com a imagem do escritor padrão, vivendo percalços, acometido pelo alcoolismo e flanando pela cidade nos seus mais distintos espaços.

II LIMA BARRETO: UMA TRAJETÓRIA

Afonso Henriques de Lima Barreto foi um jornalista, romancista e cronista, considerado um dos fundadores da literatura afro-brasileira. Filho dos afrodescendentes João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Barreto, e neto da escravizada liberta Geraldina Leocádia da Conceição, nasceu no dia 13 de maio de 1881 - sete anos antes da abolição da escravatura em 1888. Lima Barreto e seus três irmãos cresceram numa família modesta, que sofreu prematuramente com a morte de Amália Augusta - Lima, o mais velho, tinha apenas 7 anos. Tal acontecimento mudou fundamentalmente a dinâmica da família, e afetou o espírito do escritor de forma que continuou a assombrá-lo até o fim de sua vida. Em seu conto “O único assassinato de Cazuza”, Barreto narra sua experiência através de uma fala do personagem Cazuza:

Lima Barreto demonstrou diversas vezes este desgosto de viver, intensificado a partir de sua indignação frente às injustiças da sociedade e aos privilégios reservados à uma parcela da população. Desde cedo, Barreto teve que enfrentar os obstáculos impostos pelo preconceito racial no Brasil, e continuou a luta contra o racismo através de suas obras, que frequentemente abordam as dificuldades diárias enfrentadas por pessoas negras. Em seu diário íntimo, o autor desabafava que “é triste não ser branco. (1956, p.130.). Portanto, por não se sujeitar às regras impostas pelo sistema burguês e por não se contentar com o espaço social periférico reservado aos indivíduos de origem humilde e racializados, Lima Barreto encontrou obstáculos para publicar seus trabalhos literários. Nas palavras de Francisco de Assis Barbosa:

Jamais amoldaria o temperamento às restrições que a vida profissional impõe à inteligência e até mesmo ao caráter.

Na sua aparente humildade, não era homem para se dobrar a ninguém. O orgulho doía-lhe mais que o estômago. E assim, as oportunidades que apareciam não foram aproveitadas, por inteiro, contribuindo apenas, a cada malogro, para aumentar-lhe o sentimento de revolta, que foi nele, por assim dizer, inato. (BARBOSA, 2017, p. 162)

O autor já havia trabalhado em algumas revistas, mas sua passagem de poucos meses como redator da *Fon-fon* foi essencial para que Lima compreendesse um pouco sobre a dinâmica excludente da imprensa. Em sua carta de demissão ao diretor da revista, ele afirma:

Não me gabo de ser lá grande escritor [...] então, entretanto, tenho feito esforços, neste e naquele gênero, para os agradar. Fantasio, imagino, faço química, escrevo pilhérias... não há meio! [...]

Demais, vejo que as coisas minhas não agradam, ficam à espera enquanto as de vocês nem sequer são lidas, vão logo para a composição. Não há ciúme, nem despeito, mesmo que os houvesse era justo que perdoasses em mim esse assomo d'alma, pois que de há muito venho me resignando; entretanto, não há. [...]

Induzi também que é a tua bondade que me mantém lá – o que agradeço de coração – mas o meu orgulho não aceita. [...]

A desgraça não me deixa andar para adiante; eu venho assim desde os sete anos e me resigno perfeitamente, o que é de meu gênio e das minhas origens; fico porém, à espera de dias melhores para meu esforço e para meu trabalho.

(BARRETO, 1906, s.p.)

Barreto percebe que não é valorizado como escritor, e entende mais uma vez que isto ocorre principalmente por conta do preconceito da intelectualidade perante a sua origem e a sua cor, e por causa de sua personalidade que o fazia se recusar a se dobrar às vontades e às restrições da burguesia.

Assim, foi neste contexto de sentimento de revolta que Lima Barreto fundou a revista *Floreal*, no mesmo ano em que se demitiu da *Fon-Fon*, junto com seus colegas de profissão que encontrava regularmente nos cafés popularizados pela cultura moderna: Antônio Noronha Santos, Domingos Ribeiro Filho, Curvelo de Mendonça e Fábio Luz (BARBOSA, 2017). O grupo era heterogêneo, e continha escritores de ideologias diversas, mas encontraram uns nos outros o mesmo objetivo de publicar seus textos que não tinham espaço na mídia burguesa.

Barreto atuou na revista *Floreal*, principalmente, para publicar os primeiros capítulos de seu romance *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, cujo protagonista é baseado no próprio autor e o enredo, em sua trajetória e suas decepções dentro da sociedade carioca, que o ignorava constantemente por ser negro e por ter uma origem modesta. Assim, sob a direção do próprio Lima Barreto, a *Floreal* publicou seu primeiro número em outubro de 1907 e seu quarto e último em dezembro do mesmo ano: a revista não encontrou espaço para florescer em uma sociedade que prezava pelas aparências e pelo sensacionalismo. Porém, apesar de seu fim precoce, a *Floreal* foi importante para a carreira do autor por ter sido sua estreia profissional diante do público leitor, sua entrada na República das Letras de sua própria maneira, através da alteridade (SCHWARCZ, 2017).

Por fim, Barreto publicou apenas dois capítulos e meio de *Recordações do escrívão Isaías Caminha* em sua revista. O romance, publicado integralmente em 1909

com o auxílio de um editor português, não foi bem recebido pelo público: sua narrativa em primeira pessoa explicitava a visão do autor sobre personalidades importantes do cenário jornalístico, protegidas por nomes fictícios, mas que eram facilmente identificáveis. O fato de Lima não ter muitas conexões em jornais somado ao caráter polêmico da obra, fez com que esta fosse ignorada pela imprensa e pelas principais figuras do contexto literário. O impacto que Lima Barreto desejava causar com seu primeiro romance publicado não foi alcançado. Segundo Francisco de Assis Barbosa (2017, p. 209), “Os comentários de café, a sensação que produzira nos meios literários, eram insuficientes. Desejara o debate, e este não veio por falta de combatentes. Os mandarins das letras não desceriam a lutar com ele”.

Foi neste contexto, em que percebia o desprezo pelo seu trabalho enquanto outros de autores brancos e privilegiados eram valorizados, que Lima escreveu um de seus contos mais emblemáticos: “O homem que sabia javanês”, no qual o protagonista Castelo ludibria a população ao afirmar-se especialista da língua javanesa e consegue ascender socialmente a partir da mentira e da enganação. O conto publicado em 1911 tinha o intuito de criticar a sociedade brasileira e a hipocrisia dos intelectuais do país.

Portanto, a decepção com o lançamento do livro juntamente com preocupações familiares - a doença de seu pai, a falta de dinheiro - e as injustiças que precisava enfrentar diariamente foram catalisadores para que seu consumo de álcool se tornasse um problema (BARBOSA, 2017). A partir do ano de 1911, Barreto passou a ser percebido como um boêmio por consumir seus dias e noites com a bebida. Seus costumes, sua aparência e sua saúde foram profundamente afetados pelo álcool - tanto que o autor passou de 18 de agosto a 13 de outubro de 1914 internado num hospital psiquiátrico.

Porém, isso não afetou sua motivação para escrever. Quando voltou para casa, Lima escreveu em apenas 25 dias o romance *Numa e a ninfa*, publicado em 1915 como folhetim pelo jornal *A noite* (BARBOSA, 2017). A narrativa é uma crítica às personalidades da política do governo de Hermes da Fonseca e sua hipocrisia enquanto conta a história de Numa, em sua jornada para ascender socialmente e adentrar no mundo da política. Barbosa (2017) afirma que, apesar de não ser considerado um grande romance e de não ter uma posição de destaque entre seus trabalhos literários, *Numa e a ninfa* foi importante na carreira de Lima Barreto por dar início à intensificação de seu papel de “panfletário” e de “articulista”, que o fez denunciar constantemente através de crônicas em jornais e revistas as ações dos estadistas.

Ainda em 1915 o escritor publica por conta própria, através de empréstimos de conhecidos, o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* juntamente com alguns de seus contos como “O homem que falava javanês” e “A nova Califórnia”. A narrativa conta a história do major Policarpo Quaresma, um nacionalista exacerbado que se engaja em diversos projetos para defender e valorizar sua pátria, mas que acaba, entretanto, sendo obrigado a abandonar sua visão romântica após diversas decepções. A obra foi bem aceita pela imprensa, que, de modo geral, elogiou o romance e passou a perceber Barreto de modo mais positivo. Diferentemente da decepcionante recepção de *Recordações do escrivão Isaiás Caminha*, seu trabalho agora era comentado e analisado.

Entre novembro de 1918 e janeiro de 1919, Lima Barreto passa seus dias no Hospital Central do Exército por conta de uma clavícula quebrada, resultado de uma de suas crises de alucinação alcoólica (BARBOSA, 2017). Porém, mesmo enquanto estava recolhido no hospital, Barreto continuava trabalhando em prol de sua literatura através de suas crônicas. Além disso, de acordo com Barbosa (2017), o autor enviou de seu quarto de enfermo os manuscritos originais de uma narrativa que havia escrito há alguns anos atrás, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, ao escritor Monteiro Lobato. Este o respondeu entusiasmado, já oferecendo propostas de valores e condições para uma publicação, e dois meses e meio depois o livro já estava pronto pra lançamento.

No mesmo ano de 1919, Lima Barreto se aposenta do seu cargo de servidor público, e por isso, consegue contribuir ainda mais para os periódicos com suas típicas crônicas, que viram sua principal fonte de renda (BARBOSA, 2017). Suas crônicas marcaram toda sua trajetória como escritor: Lima Barreto atuou em diversas revistas e jornais, produzindo crônicas que exploravam de forma crítica o Rio de Janeiro. De acordo com Barbosa (2017) e Schwarcz (2017), *A.B.C*, *Hoje*, *Rio-Jornal*, *A Notícia*, *O País*, *Correio da Noite*, *Gazeta da Tarde*, *O Copacabana*, *O Fluminense*, *A Falladora*, *A Voz do Trabalhador*, *Ordem e Progresso*, *O Theatro*, *A Estação Theatral*, *Revista Americana*, *O Rio-Nú*, *Annaes da America*, *A Epoca*, *A Águia*, *Ilustração Brasileira* são alguns dos periódicos em que Lima Barreto contribuiu com suas crônicas. Por ser sua maior fonte de renda a partir de 1919, os jornais lhe tomavam o tempo que o autor desejava dedicar à ficção:

A minha pena só me pode dar dinheiro escrevendo banalidades para revistas de segunda ordem. Eu me envergonho e me aborreço de empregar, na minha idade, a minha inteligência em tais futilidades. Ainda tenho alguma verve para a tarefa do dia a dia; mas tudo me leva

para pensamentos mais profundos, mais doridos e uma vontade de penetrar no mistério da minha alma e do Universo. (BARRETO, 2017, p. 67)

No final do ano de 1919, Lima Barreto volta a ser internado no hospital psiquiátrico e volta para casa em 1920. Sua saúde, porém, tanto física quanto mental, não melhorara significativamente. Seu único alívio era através da literatura. Em seus últimos dois anos, apesar dos infortúnios, Barreto completou cinco livros: *Histórias e sonhos*, *Marginália*, *Feiras e mafuás*, *Bagatelas* e *Clara dos Anjos*, porém só veria a publicação do primeiro (BARBOSA, 2017). Ele faleceu no primeiro dia de novembro de 1922, por conta de complicações geradas pelo consumo excessivo de álcool. Partiria antes mesmo de seu pai, que viria a seguir seu filho quarenta e oito horas depois.

Lima Barreto, com sua sensibilidade aguçada sobre o cotidiano e sobre as injustiças que arrebata a população brasileira, conseguiu transmitir através de sua literatura um olhar indignado e irônico sobre tópicos invisibilizados por aqueles no poder. Lima deu voz aos negros, às mulheres, aos pobres e expôs a contradição de uma sociedade hipócrita e excludente. Em entrevista ao jornal *A época*, o autor afirmou:

Desde o meu Isaías Caminha que só trato de obedecer à regra do meu Taine: a obra de arte tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem. É este o meu escopo. Vim para a literatura com todo o desinteresse e com toda a coragem. As letras são o fim da minha vida. Eu não peço delas senão aquilo que elas me podem dar: glória! (BARRETO *apud* BARBOSA, 2017, p. 238).

E, assim como ele afirma no trecho, a coragem permeia toda a sua carreira literária: coragem para enfrentar os preconceitos dos mandarins racistas e classicistas e para escrever sobre o que era ignorado pelas autoridades. Sua bravura se refletia até mesmo no seu estilo literário que rendia críticas por ser simples, direto e objetivo. Assis Barbosa (2017) o caracteriza como “anticonvencional”, “antiacadêmico” e “revolucionário”, adjetivos que também poderiam descrever o próprio autor. A própria existência de Lima Barreto desafiava paradigmas, e ele transmitia isso para cada aspecto de sua literatura. Em suas palavras:

Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm de comum e dependente entre si. (BARRETO, 2008, p. 10)

E foi exatamente isso que Lima Barreto alcançou. Mesmo mais de um século após seu nascimento, ele continua despertando o espírito questionador de seus leitores e conectando almas individuais através de suas palavras.

III FLOREAL: A VITRINE E A REVOLUÇÃO

A primeira edição da revista *Floreal* veio a lume no dia 25 de outubro de 1907. A revista dirigida por Lima Barreto foi o resultado da união entre colegas nas mesas de cafés típicos da modernidade. Segundo Lilia M. Schwarz, em seu livro *Lima Barreto: triste visionário* (2017), eles nomearam a revista em homenagem ao oitavo mês do calendário revolucionário, que remete ao florescer da primavera e à liberdade dos povos. Ora, a liberdade seria a principal motivação para a criação da *Floreal*: os escritores desejavam ter autonomia para escrever sobre o que quisessem, em um espaço em que não havia restrições que limitassem suas palavras.

A revista não continha ilustrações, sua capa era simples e, assim, não chamava a atenção de um leitor inserido numa modernidade que disponibilizava uma grande variedade de jornais e revistas esteticamente mais elaboradas, com mais recursos e com escritores conhecidos. O valor da revista *Floreal*, entretanto, estava em sua diversidade. Os autores, diferentes entre si, cobriam assunto diversos, mas se encontravam no objetivo de terem suas vozes ouvidas.



Não é sem temor que me vejo á frente desta publicação. Embora não se trate do *Jornal do Comercio* nem da *Gazeta de Peking*, sei, graças a um tirocinio prolongado em revistas ephemerias e obscuras, que immenso esforço demanda a sua manutenção e que futuro lhe está reservado. Sei tambem o quanto lhe é desfavoravel o publico, o nosso publico, sabio ou não, letrado ou ignorante. Faltam-lhe nomes, grandes nomes, desses que enchem o céu e a terra, vibram no ether imponderavel, infelizmente não chegando a todos os cantos do Brazil; faltam-lhe desenhos, photogravuras, retumbantes paginas a côres com *chapadas* de vermelho—materia tão do gosto da intelligencia economica do leitor habitual; e, sobretudo, o que lhe ha de faltar, será um director capaz, ultra-capaz, maneiroso, dispondo da sympathia do jornal todo poderoso, e sabio nas sete sciencias da rua Benjamin Constant e em todas as artes estheticas e technicas.

Desgraçadamente, não tenho essa sabedoria excepcional que super-abunda por ahí; e, se alguma cousa justifica a minha directoria, não é com certeza o meu saber.

No nucleo que fundou e pretende manter esta publicação, não sou eu quem mais sabe isto ou aquillo; antes, um sou que menos sabe.

Não foi esse o motivo; talvez fosse por ser eu o mais aparentemente activo e, para empregar uma

Figura 1 - Capa da primeira edição da revista *Floreal*

Figura 2 - Crônica de apresentação da revista *Floreal*

Na crônica de apresentação da revista, Lima Barreto discorre sobre a criação da *Floreal* e sobre seu cargo de diretor. Ele inicia o texto já listando os prejuízos da revista frente aos grandes periódicos de seu tempo:

[...] Embora não se trate do *Jornal do Commercio* nem da *Gazeta de Pekim*, sei [...] que imenso esforço demanda a sua manutenção e que futuro lhe está reservado. Sei também o quanto lhe é desfavorável o público, o nosso público, sábio ou não, letrado ou ignorante. Faltam-lhe nomes, grandes nomes, desses que enchem o céu e a terra, vibram no éter imponderável, infelizmente não chegando a todos os cantos do Brasil; faltam-lhe desenhos, fotografuras, retumbantes páginas [...]
(FLOREAL, 1907a, p. 3).

Assim, Barreto afirma que a revista está em desvantagem se comparada com outras mais famosas, que contém escritores conhecidos e consagrados e imagens coloridas. Ele ainda acrescenta: “e, sobretudo, o que lhe há de faltar, será um diretor capaz, ultra-capaz, maneiroso, dispondo da simpatia do jornal todo poderoso, e sábio nas sete ciências da rua Benjamin Constant e em todas as artes estéticas e técnicas” (FLOREAL, 1907a, p. 3). Lima afirma, então, em tom de ironia, que a maior falta da *Floreal* será em relação ao seu cargo: ele não tinha boas relações com os poderosos da imprensa e não tinha muitos conhecimentos.

Porém, ele supõe que foi nomeado ao cargo por parecer “o mais aparentemente ativo” e o mais “ostensivamente lutador” dos seus colegas fundadores da revista - o que, para ele, não era verdade. Barreto diz que as características que lhe atribuíram são, na verdade, manifestações de sua inquietação. Mas completa que “O seu engano não foi total [...]; na época de vida que atravesso, o inquieto pode bem vir a ser o lutador e o combatente, tais sejam as circunstâncias que o solicitem” (FLOREAL, 1907a, p. 4) - ele via em si mesmo um potencial para se tornar um bom diretor.

Na mesma crônica, Lima Barreto define a revista *Floreal* como uma “tentativa de escapar às injunções dos mandarinatos literários, aos esconjuros dos preconceitos, ao formulário das regras de toda a sorte, que nos comprimem de modo tão insólito no momento atual” (FLOREAL, 1907a, p. 4). O autor afirma que “não se trata de uma revista de escola, de uma publicação de clã ou maloca literária [...]; ela não traz senão nomes dispostos a dizer abnegadamente as suas opiniões sobre tudo o que interessar a nossa sociedade, guardando as conveniências de quem quer ser respeitado” (FLOREAL, 1907a, p. 4). É uma revista “individualista”: não é um coletivo de escritores que se unem por algum ideal, mas é um espaço que celebra a individualidade de cada escritor, que são valorizados não por sua fama ou prestígio, mas pelo seu talento e trabalho.

Segundo Barreto, apesar de divergirem em tantos pontos, há uma razão que fazia os escritores seguirem adiante com a revista: “a nossa incapacidade de tentar os meios de publicidade habituais e o nosso dever de nos publicar” (FLOREAL, 1907a, p. 5). Com sua ironia habitual, ele afirma que tal esforço é necessário porque “nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pai livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só há um meio de se chegar ao editor — é o jornal.” (FLOREAL, 1907a, p. 5). Assim, mesmo sendo o jornal o meio mais acessível para um autor nascido sem privilégios, o periódico de sua época era, nas palavras do cronista, “a coisa mais ininteligente que se possa imaginar”, e completa que “é qualquer coisa semelhante a uma *féerie*, a uma espécie de mágica, com encantamentos, alçapões e fogos de bengala, destinada a alcançar, a tocar, a emover o maior número possível de pessoas, donde tudo o que for insuficiente para esse fim deve ser varrido completamente” (FLOREAL, 1907a, p. 5). Neste trecho, Lima denuncia o sensacionalismo dos periódicos, que tinham como maior prioridade comover seus leitores através de táticas específicas para isto. Os jornais não procuravam escritores que poderiam fornecer qualidade através de seus textos, mas os que conseguiam atrair mais consumidores por meio de estratagemas.

Para Lima Barreto, os jornais da época representavam os interesses mesquinhos da elite. A *Floreal*, portanto, era um instrumento de resistência frente aos periódicos que representavam “a sensibilidade obstruída de afastados compatriotas, o semi-analfabetismo de uns e a futilidade de outros” (FLOREAL, 1907a, p. 6). Barreto declara que, para serem aceitos nestes grandes jornais, os escritores da *Floreal* precisariam perder suas essências:

Demais, para se chegar a eles, são exigidas tão vis curvaturas, tantas iniciações humilhantes, que, ao se atingir as suas colunas, somos outros, perdemos a pouca novidade que trazíamos, para nos fazermos iguais a todo o mundo. Nós não queremos isso. Burros ou inteligentes, geniais ou medíocres, só nos convenceremos de que somos uma ou outra coisa, indo ao fim de nós mesmos, dizendo o que temos a dizer com a mais ampla liberdade de fazê-lo.
(FLOREAL, 1907a p. 6)

Para alcançar o público já acostumado com o formato do jornal, porém, a revista procurou apropriar-se de certos elementos do jornal tradicional. Desse modo, Barreto explica que a *Floreal* divide-se em duas partes: uma com os variados textos dos escritores, como em uma revista, e a outra parte funciona como um jornal quinzenal, que comenta os acontecimentos do cotidiano carioca.

Lima finaliza a crônica afirmando que não esperava o apoio do público, mas que, se a revista crescesse, eles ampliariam-na por meio da busca de “capacidades maiores que a nossa [...] sempre evitando trazê-los os dentre essas grandes celebridades, jovens ou anciãs, que tudo absorvem, que tudo empolgam, procurando-os nos pensamentos novos que não andem à cata de empregos proveitosos” (FLOREAL, 1907a, p. 7).

Na segunda crônica da primeira edição, na seção “pretextos”, Lima Barreto critica com sua afiada ironia as sociedades literárias superficiais compostas por membros influentes da sociedade, que não se preocupavam genuinamente com a literatura. Em suas palavras:

De quando em quando, os nossos literatos mais famosos, por suas obras ou pela posição que ocupam na política e na administração, resolvem reunir-se e formar uma sociedade, [...] não esquecendo, às vezes, de declarar que o clube ou a sociedade tem por fim também animar as letras e as artes e propugnar pela disseminação do gosto artístico. (FLOREAL, 1907a, p. 29)

Barreto também critica as ações propostas pelas sociedades que contradizem seu objetivo de levar arte à população brasileira ao se restringir a espaços apenas frequentados pela elite: “Singular maneira de melhorar o gosto público e de levantar a cultura da massa!” (FLOREAL, 1907a, p. 30). Barreto, então, amplia a discussão para expôr a falta de interesse dos literatos em relação às classes populares:

[...] não acredito também que os nossos literatos amem o povo, interessem-se pela sua sorte, achem nele poesia, matéria prima para as suas obras. Pelo menos, não se encontram vestígios disso nos seus volumes. Coisa curiosa! [...] entretanto, as nossas letras, quando se voltam para a cidade, não encontram material para a sua obra senão na roda do Lyrico, nos bondes de Botafogo, nas barcas de Petrópolis e nos passeios da Tijuca. É singular!
(FLOREAL, 1907a, p. 30-31)

Tal atitude excludente, segundo o autor, contradiz a própria função da literatura que é “soldar os grupos de um país uns aos outros, revelando a cada um deles as sucessivas maneiras de pensar, de sentir, os sonhos, as aspirações particulares a cada qual, procurando [...] os sentimentos e sensações comuns na incoerência de sentimentos e de sensações de cada indivíduo, de cada grupo, de cada classe” (FLOREAL, 1907a, p. 31). Para Barreto, ao não incluir grande parte da população, os escritores não respeitavam a premissa humanizadora da literatura, discutida posteriormente por Antonio Candido em seu ensaio “O direito à literatura” (1995), que une indivíduos

distintos e trabalha com a construção da empatia a partir da exploração da subjetividade do outro.

Além de tais crônicas, esta edição também contém um diálogo escrito por Antônio Noronha dos Santos sobre a moral sexual da época; a terceira parte do conto “Dia de amor”, de Domingos Ribeiro Filho, antes censurado pelo *Correio da Manhã* (SCHWARCZ, 2017); o prefácio e o primeiro capítulo do romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, entre outros.

A segunda edição da revista *Floreal* foi lançada no dia 12 de novembro de 1907, ainda com uma capa simples e poucas ilustrações. Entre os textos publicados, há um artigo escrito por Manuel Ribeiro de Almeida que discute as ideias do filósofo Herbert Spencer; um conto chamado “História triste”, de Carlos de Lara que descreve a conversa de quatro amigos em um baile e o segundo capítulo de *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*.



Protocollo

O elegante jornal das 6 horas da tarde, o «Correio da Noite», quasi sem antecessores na nossa publicidade periodica, recebeu-nos de uma maneira gentil e superiormente fidalga, como sabem usar os seus valentes redactores com os que começam.

A' nossa vaidade, ainda um tanto juvenil, muito lisonjearam as generosas palavras de sua noticia de apparecimento; entretanto, mesmo quando o tempo tiver tirado de cima de nós tão ridiculo defeito, não nos será possível esquecer o que nella houve de sã e de bom—a animação, Agradecidos.

Floreal mereceu de Gonzaga Duque a excepcional distincção de sua cumprimentos.

Ao destacarmos essas saudações, nós reservamos para espirito deescól que é o autor da *Mocidade Morta* o melhor dos nossos affectos, e votamo-lhe as alegrias que subo-reamos nos classicos prelios da publicidade; visto que foi elle quem nos deu a immemoravel consolação de um applauso sincero.

Que elle receba esta nota jubilosa com uma emoção correspondente á nossa, quando das suas mãos patricias partirão as palmas que foram o nosso hymno de marcha.

Demais, convem dizer, Gonzaga Duque é, para nós, um symbolo e uma synthese: elle é toda a mocidade viva que neste pais ainda tem a vellepia hiperphysica da arte, do pensamento e do coração.

A livraria Luso-Brazileira, desta cidade, acaba de editar um romance de Domingos Ribeiro Filho—O CRAVO

Figura 3 - Capa da segunda edição da revista *Floreal*
Figura 4 - Primeira página da seção “Protocolo”

Na segunda parte da revista, Lima Barreto agradece as felicitações recebidas pela revista e abre a seção “Ecos” debochando da elite brasileira que agia de forma incoerente em prol de se aproximar do modelo europeu, inclusive citando as obras realizadas pelo governo para “europeizar” a cidade do Rio de Janeiro:

Ontem, em casa de Mme. de Bulhões Silva, o chá foi servido absolutamente fervendo. É triste vemos atualmente, quando a energia

e a tenacidade do governo passado reformaram quase totalmente a nossa cidade, esse lado fraco dos nossos criados.
 Em Paris ou Londres, não é preciso ir aos primeiros hotéis para se ter à sua mesa o chá na temperatura adequada ao paladar.
 Aqui, ou ele vem a ferver ou vem frio, gelado.
 (FLOREAL, 1907b, p. 36)

Em outra crônica, Barreto comenta com ironia o pequeno número de revistas comercializadas na primeira edição da *Floreal*: “Trinta e oito heróis eram esses, seguramente, que ousavam assim proceder diante de toda esta heroica cidade [...] Uma onda de gratidão nos invadiu a alma. Benditos 38! Bem-aventurados 38! Dignos 38!” (FLOREAL, 1907b, p. 39). Depois disso, o cronista descreve o trabalho que os redatores curiosos da revista tiveram para localizar seus 38 leitores. Inicialmente só encontraram 35, até descobrirem que estes três compradores secretos eram, na verdade, membros de uma sociedade literária chamada Caravana, a qual Lima havia criticado ferrenhamente na edição anterior da revista. Assim, em resposta a esta descoberta, ele afirma de seu jeito sempre bem-humorado:

Caravana! A Floreal retira ao que disse de ti no seu primeiro número o correspondente a esses mil e quinhentos réis! Caravana! Ser-te-á contado isso no teu ativo! Não se dirá mais de ti que não sabes senão comer banquetes e compor menus! Tem confiança, Caravana! No juízo final da História, em que pareces acreditar, ser-te-ão descontados mil e quinhentos réis de pecados e indigestões!!...
 (FLOREAL, 1907b, p. 39-40)

Ele responde de forma irônica às contribuições da sociedade literária Caravana, que provavelmente comprou a revista para ler e discutir as críticas feitas por Barreto, ao agir como se estivesse arrependido pelas suas falas em relação à sociedade, agora fingindo paparicar seus membros.

A capa da terceira edição da revista *Floreal* é mais elaborada e contém uma ilustração de uma musa. Este número engloba entre seus textos um ensaio do Domingos Ribeiro Filho sobre educação; o terceiro capítulo de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e uma resenha de Lima Barreto do romance *Cravo vermelho*, também do colaborador da revista Domingos Ribeiro Filho.



Figura 5 - Capa da terceira edição da revista *Floreal* (SCHWARCZ, 2017)

FLOREAL 35
LITERATURA E ARREDORES.— *Estudos de uma moral. Cravo Vermelho romance por Domingos Ribeiro Filho. M. Fiedde & C., Editores. —Rio de Janeiro.*

Não convem repetir aqui que é um prazer travar conhecimento com um autor como o deste livro. Primeiro, porque, na verdade, não travo conhecimento algum; segundo, porque é repizar uma velha banalidade.

Nós nos conhecemos há muitos anos. Por esse tempo, o Domingos era secretario da «Avenida» —lembram-se? — um semanário ilustrado que alcançou uma voga merecida com as inegualáveis *blagues* do *Cardoso Junior*, um curioso espirito cheio de *terre* e poesia que a Morte nos roubou tão cedo.

Encontramo-nos, eu e o Domingos, discutindo. Dahi em diante temos discutido sempre. Vale a pena, portanto, ter em mãos obra sua, já por ser um livro de opiniões accentuadas e, em geral, de opiniões contrárias ás minhas, já por ser meu amigo o seu autor e não haver nesse antagonismo de opiniões nenhum perigo de inimizade virulenta.

Domingos, por exemplo, acredita na Sciencia, isto é, na Sciencia com S grande, como diz o Sr. G. Galante, essa milagrosa concepção dos nossos dias, capaz de nos dar a felicidade que as religiões não nos deram; acredita, *ipso facto*, que ella é a expressão exacta de uma ordem externa imutavel e constante. Eu não. Tenho as mais sagradas duvidas a ambos os respeitois.

Seu livro está cheio dessa sua candida crença. Na pagina 143, um dos seus personagens afirma categoricamente: «Ha conquistas que não serão jamais ecedidas, a mitologia grega, o «Dom Qui-

Figura 6 - Primeira página da resenha de Lima Barreto do romance *Cravo Vermelho*

Barreto comenta no início da resenha que é um livro de “opiniões acentuadas e, em geral, de opiniões contrárias às minhas”, o que, contudo, não abriria precedentes para uma “inimizade virulenta”, já que os dois autores eram amigos (FLOREAL, 1907c, p. 35). Assim, ele afirma que Domingos “acredita na *Sciencia*, isto é, na *Sciencia* com S grande [...] essa milagrosa concepção dos nossos dias, capaz de nos dar a felicidade que as religiões não nos deram; acredita [...] que ella é a expressão exata de uma ordem externa imutável e constante” (FLOREAL, 1907c, p. 35), o que está presente em toda a narrativa. Barreto, entretanto, não seguia essa crença - para ele, nada é imutável, nem mesmo as teorias científicas, que podem ser atualizadas a qualquer momento. Em suas palavras:

[...] basta considerar que as modificações trazidas com o correr dos anos nos enunciados dos teoremas, nas demonstrações são tais que a famosa imutabilidade fica reduzida a muito pouco. E quanto à lei da queda dos corpos, basta que um dado novo se apresente para que ella seja desfeita, assim como o foram as de Aristóteles e Baliani.
(FLOREAL, 1907c, p. 36)

Porém, apesar das críticas, Lima também elogia o romance e a construção dos personagens, mesmo que em sua opinião tenha faltado poesia no romance: “Ele todo, quando não é psicológico, é intelectual e doutrinário, destinado a nos dar opiniões e crenças”, mas “seria perfeitamente capaz de mostrar essa transcendental comunicação do homem com as cousas” (FLOREAL, 1907c, p. 38). Além disso, no texto, Barreto demonstra contentamento pela publicação do amigo: “me trouxe grande satisfação de

ver condensadas em linhas de tipografia as ideias originais e inesperadas que o Domingos vinha gastando nos cafés” (FLOREAL, 1907c, p. 38).

Na mesma edição, Lima Barreto comenta sobre a posse do mais novo membro da Academia Brasileira de Letras, Artur Jaceguai, conhecido como Barão da Frente, que ocupou a cadeira do poeta Teixeira de Mello. Em sua crônica, Barreto critica a Academia, que parecia cada vez mais esvaziada da literatura, que deveria ser o seu maior propósito. O novo membro era, na verdade, um almirante, que admitiu “com encantadora modéstia, a pouca assiduidade de seus estudos literários” e que nunca havia lido os poemas de seu antecessor Teixeira de Mello (FLOREAL, 1907c, p. 46). Sua especialidade, entretanto, eram os assuntos militares. Segundo Barreto (FLOREAL, 1907c, p. 47), “O novo acadêmico confessou ainda que atribuía a sua eleição simplesmente ao desejo de prestar uma homenagem ao seu patriotismo”. A Academia Brasileira de Letras e sua impossibilidade de ingresso viria a ser um assunto recorrente nos textos do cronista.

A quarta e última edição da *Floreal* foi lançada no dia 31 de dezembro de 1907, e é a que tem um maior número de páginas. Ela contém fragmentos de um poema de João Pereira Barreto, um conto de Domingos Ribeiro Filho sobre o Natal, a continuação do terceiro capítulo do romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, entre outros. Neste número, Lima Barreto analisa o conto Galdino Cupido do livro de um escritor chamado Magalhães Carneiro, e comenta suas impressões sobre a população do norte do Brasil através da análise do conto, que se ambienta neste espaço.



Figura 7 - Capa da quarta edição da revista *Floreal* (SCHWARCZ, 2017)

Figura 8 - Primeira página da resenha de Lima Barreto

Barreto inicia a resenha maldizendo a “psicologia dos povos”, que acredita que características como cor e nacionalidade poderiam definir as características psicológicas de um indivíduo. Ele diz que os “sabichões” que seguem esta filosofia “tinham esquecido a existência puramente lógica, abstrata, do que se chama povo, raça, etc” (FLOREAL, 1907d, 41). E completa:

Tomaram essas cousas como entidades reais, raciocinaram sobre elas como se existissem de fato, como se fossem vidas individuais, capazes de terem uma cabeça, capazes, portanto, de ter uma psicologia mais ou menos certa, determinando-lhes defeitos e qualidades, com auxílio de generalizações feitas sobre duvidosos documentos, em que mais entravam os seus preconceitos nacionais, regionais até, do que um verdadeiro espírito científico.
(FLOREAL, 1907d, p. 41-42)

Tal pensamento criticado por Lima foi determinante para a sustentação das teorias absurdas do darwinismo social e do racismo científico, que viria a ser acreditada por alguns anos no Brasil e usada para incentivar a mestiçagem como meio para o branqueamento racial. Barreto viria a criticar mais algumas vezes estas teorias eugenistas e excludentes.

Voltando à crônica, o autor afirma que, mesmo sendo contrário a estas ideias, no livro de Carneiro ele acabou analisando o “espírito sergipano de uma maneira geral” (FLOREAL, 1907d, p. 42). Para o autor, a partir da obra, que trata de personagens de Sergipe, ele percebeu que o povo do norte do país é inteligente e forte, e, por isso, “comportam-se como se tivessem vindo ao mundo em missão, unguídos pela Divindade, para reformar, para concertar, para endireitar, e trazer a verdade e a felicidade” (FLOREAL, 1907d, p. 43). Porém, segundo Barreto, tal motivação acaba sendo frustrada “pela fraqueza dos meios individuais, reduzida a um desordenado tumultuar, por não poder alcançar o alvo visado os fracos poderes de realização de que dispõem os indivíduos” (FLOREAL, 1907d, p. 44). Para Lima, este ciclo de frustração que também ocorre no conto Galdino Cupido é frequente entre o povo de Sergipe.

Na mesma edição, Lima Barreto faz um “Pequeno almanaque de celebridade”, em que o autor descreve, de forma irônica, escritores em poucas linhas, como Afrânio Peixoto - “Médico alienista e autor da *Rosa Mística*, obra preciosa impressa em Leipzig”; Carmen Dolores - “Cronista. Escritora aristocrática; discípula do V de Taunay. Está traduzindo ou compondo um drama em francês: *La chercheuse d’amour*” e Pinheiro Machado - “Senador e chefe do Bloco. Um dos muitos brasileiros que aprenderam português pelo método *Berlitz*” (FLOREAL, 1907d, p. 49).

A *Floreal* teve um total de quatro números: infelizmente, a revista não se sustentou frente à concorrência que podia contar com seus escritores renomados e ilustrações elaboradas e coloridas. Apesar de sua curta duração, sua existência, porém, foi determinante para a carreira de Lima Barreto: foi sua apresentação profissional para o público leitor e foi sua entrada alternativa em um ambiente que não lhe dava espaço e que não estava preparado para um indivíduo tão extraordinário quanto Lima. Então, nas palavras de Lilia M. Schwarcz (2017, p. 208), “Se Lima não podia entrar na República das Letras pelo coro dos iguais, faria sua iniciação por meio da alteridade, de maneira ‘marginal’”. O legado da *Floreal* continuou através da relação duradoura entre seus fundadores, e através da escrita de Barreto, que não perdeu seu âmagô crítico e seu fôlego para resistir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lima Barreto não foi um homem de seu tempo, foi um homem de um tempo além. Nasceu junto com a modernidade brasileira, mas, ideologicamente, foi muito além dela, e por isso mesmo teve que resistir contra as forças vigentes por toda a sua vida. O mundo moderno, apesar de toda a sua aparência, toda a sua tecnologia e sua rapidez, era também mesquinho, preconceituoso e excludente. A população pobre era propositalmente ignorada e reprimida através de ações políticas e culturais, e os jornais eram um veículo para espalhar propagandas da modernidade e do governo e, muitas vezes, alienar o leitor através de palavras rasas de escritores privilegiados.

Lima Barreto, porém, foi a voz dos excluídos, que não era ouvida frente aos sons da modernidade; e ele fazia questão de ser ouvido. Barreto não se diminuiria de forma alguma perto de qualquer autoridade. Ele sabia o seu valor e sabia a importância de seu grito para os marginalizados. Portanto, a *Floreal* foi uma de suas primeiras estratégias para que ele fosse percebido pelo público, uma porta de entrada alternativa para a casa dos leitores.

A revista *Floreal* foi um instrumento de resistência, em que Lima se juntou com semelhantes para que pudessem publicar seus trabalhos sem limitações. Na revista, eles podiam escrever sobre assuntos polêmicos normalmente censurados, falar abertamente sobre personalidades influentes e discorrer sobre assuntos que não eram vistos como interessantes pela imprensa sensacionalista.

As crônicas de Lima Barreto na *Floreal* foram, portanto, suas primeiras manifestações como cronista fora do ambiente escolar. Suas crônicas na revista eram, em sua maioria, sobre o cenário literário: o autor comentava sobre livros e artigos que lhe agradavam, mas, principalmente, denunciava a hipocrisia dos escritores renomados de seu tempo, acompanhado sempre pela ironia, que guardava a dimensão da sua revolta. Revolta pelos privilégios de um grupo restrito de pessoas, pela miséria à sua volta, pelo preconceito racial que sofreu por toda a sua vida.

Por isso, ele sempre se sentiu mais à vontade próximo dos excluídos, do verdadeiro povo. E, assim, os excluídos se sentiam à vontade próximos de suas palavras. Em seu velório, o poeta Pereira da Silva presenciou um momento comovente que revela a intensidade da relação de Barreto com seus leitores. Em suas palavras:

Quando transpusemos a sala em cujo centro jazia o cadáver, o homem correu a espalhar no caixão, votivamente, aquelas perpétuas de um

roxo tão expressivo. Depois, mal contendo a comoção, descobriu-lhe o rosto, beijou-o na testa, que ainda recebeu algumas lágrimas. Uma pessoa da família dirigiu-se ao visitante. Quis saber quem ele era. “Não sou ninguém, minha senhora. Sou um homem que leu e amou esse grande amigo dos desgraçados.” (SILVA apud BARBOSA, 2017, p. 340).

E até nos dias de hoje, depois de um século de seu falecimento, Barreto continua a desafiar as normas e a defender os oprimidos através de suas palavras. Sua força e persistência continua a inspirar e a fazer a população brasileira refletir sobre as injustiças cometidas diariamente no Brasil. E, com certeza, todos os seus leitores gostariam de retribuir sua coragem assim como o homem em seu velório. Porque, afinal, todos nós somos pessoas que lemos e amamos esse grande amigo dos desgraçados.

REFERÊNCIAS

Obras de Lima Barreto

BARRETO, Lima. Carta de Lima Barreto a Mario Pederneiras, Rio de Janeiro, 20 jun. 1907, 6p. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1448689/mss1448689.pdf. Acesso em: 14 nov 2023.

BARRETO, Lima. **Diário do hospício/O cemitério dos vivos**. [1953]. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BARRETO, Lima. **Diário Íntimo**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. **Histórias e sonhos**. [1920] São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARRETO, Lima. **Numa e a Ninfa**. [1915]. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

BARRETO, Lima. **Os bruzundangas**. [1922]. Porto Alegre: LP&M, 1998.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. [1909]. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1989.

BARRETO, Lima. **Toda crônica**. Vol. 2 (1919 - 1922). Apresentação e notas de Beatriz Resende; organização de Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

Periódicos

FLOREAL: Publicação Bi-mensal de Critica e Litteratura (RJ) – 1907. Rio de Janeiro: Typ. Rebello Braga; Typ. da Revista dos Tribunaes, 1907, TRB02126.0072; Rótulo: 164623; v.1, n.1, 25;out. 1907^a; v.1, n.2, 12 nov. 1907^b; v.1, n.3, 12 nov. 1907^c; v.1, n.4, 31 dez. 1907^d. Fundação Biblioteca Nacional.

BILAC, Olavo. Crônica. In: **KOSMOS**: Revista Artistica, Scientifica e Litteraria. Rio de Janeiro, março de 1904, n. 002, p. 3. Cód.: TRB00143.0072; Rótulo: 146420. Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional.

Bibliografia geral

ARRIGUCCI, Davi. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ASSIS, Lúcia M.; NASCIMENTO, Luciana M.; SANTOS, Janete S. (Org.). **Lima Barreto na sala de aula: primeiros escritos**. São Paulo: Blucher, 2021. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/download-pdf/502> . Acesso em: 5 de mar. 2021.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. [1952]. 11 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BARRA, Sérgio H. da S. A Cidade corte: o Rio de Janeiro no início do século XIX. Colóquio Internacional de História Cultural da cidade, 2015, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2015. p. 791-805. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/55CD/SergiohamiltondasilvaBarra.pdf>. Acesso em: 11 set 2023.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**, um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Carlos Barbosa. São Paulo: Brasiliense, Obras escolhidas 3, 1989.

BENJAMIN, Walter. Paris Capital do Século XIX. In: **Passagens**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão; Irene Aron. São Paulo: IMESP; Belo Horizonte: Ed da UFMG, 2007.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil - 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2005.

CANDIDO, Antonio. et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995, p. 169-91.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a crônica. In: CANDIDO, A. et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 93-134.

NASCIMENTO, Luciana M. **A cidade de Papel**. Rio Branco: EDUFAC, 2010.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTANA, Fabio Tadeu de Macedo; SOARES, Marcus Rosa. Reforma Passos: Cem anos de uma intervenção excludente. In: **Observatorio Geográfico de América Latina**, 2015. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/156.pdf>. Acesso em: 10 out 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SIEBERT, Silvânia. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 675-685,

set./dez. 2014. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ld/a/8vV4KftbQvYdYgqFw6dGf3N/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 12 set 2023.

SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.